

## A PROVINHA BRASIL NA VISÃO DOS PROFESSORES

Raquel Meister Ko. Freitag<sup>1</sup>  
Mônica Maria Soares Rosário<sup>2</sup>

### RESUMO

A Provinha Brasil é um instrumento de diagnóstico para avaliar o grau de alfabetização dos alunos, estudantes do primeiro ciclo do ensino fundamental, de modo que as redes de ensino possam intervir nas práticas de alfabetização, cooperando com a qualidade do ensino e consequente redução das desigualdades sociais. No entanto, os atores sociais diretamente envolvidos com este instrumento – os professores – precisam estar alinhados às diretrizes do exame. A partir da observação da aplicação da Provinha Brasil, avaliamos a postura do professor acerca do instrumento e seu conhecimento sobre os pressupostos linguísticos subjacentes à sua elaboração. O resultado aponta para uma contradição entre a prática docente e o que determinam os documentos oficiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Provinha Brasil. Concepções Linguísticas. Professor.

### ABSTRACT

The Provinha Brasil is a diagnoses instrument to measure the literacy of basic first grade students. This exam subsidizes an intervention proposal in literacy skills, corroborating to upgrade quality of school and reduction of social differences. Otherwise, the teachers – the social actors involved in the exam – need aligned at academic directions of exam. From the observation of Provinha Brasil application we evolve the teachers position about the instrument and yours linguistic bases on Provinha Brasil. The results point to a contradiction between teachers practice and the follows of official documents from education.

**KEYWORDS:** Provinha Brasil. Linguistic bases. Teachers.

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto educacional brasileiro é marcado por um problema crônico de analfabetismo, em suas diferentes nomenclaturas (analfabetos, analfabetos funcionais, incapazes de ler e compreender um texto), ao qual sistematicamente são apresentadas estratégias decorrentes de políticas públicas. A mais recente delas é o **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, cuja meta é** garantir a alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade. Trata-se de iniciativa do governo federal, que, através do Ministério da Educação, pretende formar 360 mil professores alfabetizadores até 2015, e alfabetizar plenamente 100% dos alunos, em fase de alfabetização, em língua portuguesa e matemática. Para isso, o governo investe em incentivos financeiros e assistência técnica e pedagógica aos professores das séries iniciais da rede pública de ensino. Especificamente quanto à avaliação do desempenho do programa, será utilizada (entre outras estratégias) a Provinha Brasil.

A Provinha Brasil foi o objeto eleito para análise no escopo do projeto *Ler+Sergipe: leitura para o letramento e cidadania*, que está vinculado ao Programa Observatório da

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFSE), bolsista de produtividade 2 do CNPq.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFSE).

Educação (edital 38/2010/CAPES/INEP), e tem como objetivo diagnosticar as causas do fracasso na aprendizagem inicial da leitura – um processo essencial ao exercício das práticas sociais de leitura –, com especial atenção à variação linguística do alfabetizando. Trata-se de uma proposta de diagnóstico da formação pedagógica, cuja meta reside em identificar as concepções de leitura que rodeiam o estudante (documentos oficiais, indicadores, matrizes de competências, professores), buscando subsidiar ações de formação continuada de professores que já atuam nas redes de ensino dos municípios de Aracaju e Itabaiana, estado de Sergipe.<sup>3</sup>

A Provinha Brasil é um instrumento de avaliação com perfil diagnóstico que permite o desenvolvimento de ações preventivas para minimizar os efeitos do fracasso escolar no que tange ao aprendizado da leitura nos processos de alfabetização e letramento. Entretanto, este instrumento segue o padrão das demais políticas de avaliação do ensino: formulada nos gabinetes, não dialoga com o chão de sala; e assim como os demais instrumentos de avaliação impostos pelas políticas federais, gera uma tensão entre o que é preconizado pelos documentos oficiais e as práticas de ensino. Visando contribuir para a redução deste contraste, e alinhado aos objetivos do projeto *Ler+Sergipe: leitura para o letramento e cidadania*, neste trabalho analisamos uma aplicação da Provinha Brasil numa escola da rede municipal de Aracaju/SE, contrapondo as observações e a postura do professor acerca do instrumento com os pressupostos linguísticos subjacentes à sua elaboração. Inicialmente, fazemos uma breve apresentação da Provinha Brasil. Após explicitarmos os passos metodológicos, apresentamos a análise da aplicação concomitantemente aos relatos dos professores, visando o cotejamento entre o desempenho dos alunos no exame e as concepções dos docentes desta turma.

## 2 A PROVINHA BRASIL

Aplicada pela primeira vez em abril de 2008, a Provinha Brasil é uma das iniciativas do Governo Federal para melhorar o nível de habilidade de leitura que, de acordo com o IDEB e outros sistemas avaliativos, é deficiente. Arelado à elaboração desse instrumento, o MEC propôs o *Plano de Metas de Compromisso Todos pela Educação*, no qual, uma das diretrizes tem como objetivo alfabetizar as crianças até a idade máxima de oito anos. Para tanto, ampliou o ensino fundamental de oito para nove anos, tendo a criança que ingressar na escola, obrigatoriamente, aos seis anos de idade. De acordo com o documento que orienta a aplicação da Provinha Brasil, essa avaliação acontece em duas fases, uma quando inicia o ano e outra

---

<sup>3</sup> No escopo do projeto *Ler+Sergipe: leitura para o letramento e cidadania*, diferentes análises têm sido realizadas acerca da Provinha Brasil, em seus diferentes níveis, das quais destacamos Freitag (2011), Almeida (2012) e Rosário (2012).

quando termina. Dessa maneira, o documento pressupõe que os professores terão condições de perceber o nível em que seus alunos chegaram à escola e o que foi acrescentado de habilidades em leitura, durante o ano letivo. Ainda de acordo com o documento orientador, a Provinha Brasil não tem a finalidade de estabelecer índices classificatórios. Seu objetivo, entre outros, é levar o professor a reavaliar os seus métodos no intuito de melhorar a aprendizagem dos alunos, quais sejam:

Avaliar o nível de alfabetização dos alunos/turma nos anos iniciais do ensino fundamental; diagnosticar possíveis insuficiências das habilidades de leitura e escrita. Esses objetivos possibilitam, entre outras ações: estabelecimento de metas pedagógicas para a rede de ensino; planejamento de cursos de formação continuada para os professores; investimento em medidas que garantam melhor aprendizado; desenvolvimento de ações imediatas para a correção de possíveis distorções erificadas; melhoria da qualidade e redução da desigualdade de ensino. (BRASIL, 2009a, p.8).

A despeito do que corre no senso comum dos professores alfabetizadores, a Provinha Brasil não tem intenção de classificar ou punir aluno, escola ou mesmo o profissional da educação. Tanto que os resultados não são computados na composição do IDEB. A intenção desse instrumento é que os dados aferidos funcionem para o professor e para a escola como uma amostragem da habilidade leitora do aluno e que, diante da constatação deles, o professor se sinta motivado a criar novas possibilidades de melhora no resultado, se negativo.

Como uma das diretrizes do *Plano de Metas Todos pela Educação*, parte integrante do PDE, está a necessidade de “alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por meio de exame periódico específico” (BRASIL, 2009b p. 2), a Provinha Brasil deve ser aplicada aos alunos do 2º ano de escolarização. Observa-se que essa avaliação ocorre no período que intermedeia o 1º e o 3º ano. Ou seja, a Provinha Brasil é aplicada para alunos que, tomando-se somente em consideração a idade escolar, têm sete anos de idade, o que significa que já obtiveram as primeiras noções de alfabetização no 1º ano. No 2º ano, nível em que é aplicada a Provinha Brasil, o professor submete o aluno à avaliação diagnóstica, a chamada prova de entrada, para mensurar o que aprendeu na série anterior e, em seguida, organizar o seu planejamento. Se seu nível de alfabetização/letramento for precário, o aluno ainda dispõe de mais um ano, vez que no ano seguinte, no 3º ano, contará com oito anos de idade.

No entanto, o conhecimento da realidade etária das escolas públicas no Brasil mostra que, pelo menos, no que tange ao critério idade, a meta de alfabetizar todos os alunos que tenham oito anos será estendida para outras faixas etárias, uma vez que as séries de ensino são bastante heterogêneas, por isso, a referência é o segundo ano do ensino fundamental:

A definição dos alunos que farão o teste independe da trajetória escolar individual das crianças, tomando-se como referência o segundo ano de escolarização, ou seja, o segundo ano destinado à alfabetização e ao início do letramento, de acordo com a estrutura do ensino da unidade escolar onde ela se encontra matriculada. Os alunos com distorção idade-série, ocasionada por retenção, ingresso tardio, avanço de estudo, mas que estiverem matriculados no segundo ano de escolarização, destinado à alfabetização e letramento inicial, da instituição de ensino, devem fazer o teste da Provinha Brasil. De outra forma, aqueles alunos que não estiverem no segundo ano de escolarização não devem fazer a prova. (BRASIL, 2009a, p.9).

As habilidades que são avaliadas na Provinha Brasil foram estruturadas num documento conhecido como *Matriz de Referência para a Avaliação da Alfabetização e do Letramento Inicial*, e que se constitui como uma referência para a elaboração do teste. A Matriz está dividida em dois eixos. O primeiro eixo trata da “apropriação do sistema de escrita: habilidades relacionadas à identificação e ao reconhecimento de princípios do sistema de escrita.” E o segundo eixo enfoca a leitura. Para cada um dos eixos são estabelecidas habilidades descritoras que totalizam dez, sendo três para o primeiro eixo e sete para o segundo. Então, para ser bem avaliado, no que compete à apropriação do sistema escrito, o aluno precisa:

- a) reconhecer letras;
- b) reconhecer sílabas;
- c) estabelecer relações entre unidades sonoras e suas representações gráficas.

No que concerne à avaliação da Leitura, habilidade percorrida no eixo 2, o aluno precisa saber:

- d) ler palavras;
- e) ler frases;
- f) localizar informação explícita em textos;
- g) reconhecer assunto de um texto;
- h) identificar a finalidade do texto;
- i) estabelecer relação entre as partes do texto;
- j) inferir informação.

Chamamos a atenção para o item f), que na Matriz é identificado com o caractere D9, e que, segundo informação contida ao final do documento, não será avaliado “por questões técnicas”. Convém destacar que nem todas as habilidades podem ser avaliadas, visto que algumas características específicas do documento tornam essa prática inviável como

“duração, questões de múltipla escolha, redução do número de questões para não tornar o teste muito extenso, controle da mediação do professor/aplicador, entre outros aspectos” (BRASIL, 2009a, p.11).

O instrumento é composto 24 questões de múltipla escolha com quatro alternativas, que devem ser respondidas mediante leitura na íntegra do aplicador, leitura parcial ou através da leitura individual dos alunos. Antes de elaborar as questões, cada uma delas foi:

previamente aplicada a diferentes grupos de crianças de todo o País, com características semelhantes àquelas às quais se destina o teste final, procedimento chamado de pré-teste de itens. Após o pré-teste, as respostas das crianças foram analisadas conforme critérios estatísticos e pedagógicos, identificando-se, assim, quais habilidades as questões medem efetivamente, se são fáceis ou difíceis, se estão adequadamente escritas e ilustradas, entre outros aspectos averiguados. (BRASIL, 2009a, p.15).

A correção dos testes se baseia no número de acertos que o aluno obteve e a pontuação é conferida levando-se em conta cinco níveis de desempenho, que puderam ser identificados a partir da análise das dificuldades que as crianças obtiveram quando submetidas ao pré-teste. Logo,

A partir da identificação das habilidades e da medida do grau de dificuldade das questões, foram definidos quantitativos mínimos de questões que caracterizam cada nível de alfabetização e letramento inicial que as crianças puderam demonstrar. Cabe ressaltar ainda que a interpretação das respostas dos alunos não pode ser feita a partir do erro ou acerto a uma questão isolada, pois o acerto ou erro a uma única questão é definido por uma série de fatores circunstanciais. Desta forma, apenas um conjunto de acertos pode garantir uma descrição segura do desempenho do aluno. (BRASIL, 2009a, p.16).

A quantidade de respostas corretas do aluno comprova quais habilidades foram desenvolvidas e informa o nível de desempenho descrito para a Provinha Brasil. Os quantitativos de acertos correspondentes a cada nível são<sup>4</sup>:

- a) nível 1 – até 10 acertos;
- b) nível 2 – de 11 a 15 acertos;
- c) nível 3 – de 16 a 18 acertos;
- d) nível 4 – de 19 a 22 acertos;
- e) nível 5 – de 23 a 24 acertos.

O nível 4 – em que é desejável que a maior parte dos alunos estejam – é aquele alcançado por alunos que já têm autonomia para ler textos simples e conseguem interpretá-

---

<sup>4</sup> Estes níveis sofreram uma modificação em 2011, visto que o número de questões foi reduzido para 20.

los, localizando informações, fazendo inferências e identificando o assunto ou a finalidade. Demonstram as seguintes habilidades:

Localizar informações explícitas e evidentes a partir da leitura de textos como bilhetes e convites, sem apoio das características gráficas; Inferir informação em textos curtos; Identificar finalidade de textos de gêneros diversos, como bilhetes, sumário, convite, cartazes; Reconhecer o assunto de um texto sem apoio das características gráficas do suporte; Localizar informação explícita, em menor evidência, em textos informativos ou narrativos um pouco mais longos. (BRASIL, 2009a, p.19).

Esses níveis correspondem teoricamente ao grau de alfabetização que uma criança alcançou e revelam a habilidade descrita na Matriz de Referência. Uma criança que acertou 21 questões está classificada no nível 4 e demonstra que as habilidades dos itens anteriores já foram desenvolvidas. Com esses dados, o professor não só pode identificar o nível em que se encontra o seu aluno, as habilidades que ele já domina, como também, ter uma ideia do que se possa esperar do progresso de alunos dos dois primeiros anos do ensino fundamental. Dos níveis estipulados, o nível 4 configura-se como aquele que mais se aproxima das habilidades esperadas por alunos do segundo ano de escolarização. Entretanto, mesmo que a maioria dos alunos atinja esse nível na Provinha de entrada, o professor deve continuar o

[...] trabalho pedagógico com os alunos (...) no sentido de expandir e aprofundar as capacidades que os alunos já demonstram ter desenvolvido. Neste sentido, espera-se que no final do 2º ano de escolaridade as crianças demonstrem ter as habilidades descritas no nível 4 e que possam aperfeiçoá-las durante os anos escolares seguintes. O Plano de Desenvolvimento da Educação do Ministério da Educação sinaliza para que, em um prazo de 10 anos, tenhamos todas as nossas crianças neste nível ao final do segundo ano do ensino fundamental. (BRASIL, 2009a, p.16).

Os municípios que desejarem aplicar a Provinha Brasil – que assim como a Prova Brasil não é obrigatória – recebem o material impresso do MEC e do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE). Esse material constitui-se de um kit no qual estão contidos sete documentos que orientam todo o processo, desde a informação do que consta no kit à reflexão acerca da prática: As escolas recebem, portanto, cadernos de:

*Passo a passo*: faz parte do instrumental da Provinha Brasil e oferece informações sobre o seu contexto de criação e implementação, seu objeto e seus objetivos, os pressupostos teóricos que a fundamentam, suas metodologias, e ainda, as possibilidades de interpretação e uso dos seus resultados, assim como as perspectivas para os próximos ciclos. *Orientações para as Secretarias de Educação* – voltadas para os secretários de educação, descreve as formas de participação, as possibilidades e as limitações do instrumental disponibilizado. *Caderno de Teste do Aluno* – “Teste 1” para ser aplicado aos alunos. *Caderno do Professor/Aplicador I: Orientações Gerais* – informações sobre a aplicação do “Teste 1”. *Caderno do Professor/Aplicador II: Guia de Aplicação* – itens que compõem o “Teste 1” e instruções específicas para a aplicação de cada um deles aos alunos. *Guia de Correção e Interpretação dos Resultados* – informações sobre como corrigir e

compreender as respostas dos alunos. *Reflexões sobre a Prática* – considerações sobre a alfabetização, estabelecendo relação entre os resultados da Provinha Brasil e as políticas e recursos pedagógicos ou administrativos disponibilizados pelo Governo Federal, que podem auxiliar professores e gestores na melhoria da qualidade nesta etapa do ensino. (BRASIL, 2009a, p.6, grifos nossos).

Especificamente os Cadernos do Professor/Aplicador I e II foram analisados. Um dos direcionamentos dados a esta pesquisa é contrastar os resultados da Provinha Brasil, com um olhar na aplicação. Para tanto, é necessário observar, entre outras coisas, se o professor que aplica a Provinha Brasil tem conhecimento do seu documento de orientação.

A escolha de quem deve aplicar a Provinha Brasil depende do foco que o gestor quer dar à avaliação. Se quiser ter uma visão geral de cada unidade escolar, das diretorias ou de toda rede de ensino, a aplicação deve ser feita por outros agentes capacitados e os dados da turma devem ser agregados. No entanto, se o próprio professor da turma pode aplicar o teste, esta situação seria a ideal, vez que atende de forma direta o objetivo da Provinha Brasil, que é monitorar e avaliar o nível de letramento de cada aluno.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Dado o tipo do objeto, seguimos uma abordagem qualitativa dos dados obtidos na coleta com nossos sujeitos (no caso, os professores) e fazemos o cotejamento das suas opiniões e atitudes explícitas e conscientes acerca do objeto de estudo, a Provinha Brasil. A metodologia do projeto *Ler+Sergipe: Leitura para o letramento e cidadania* apresenta o Certificado de Apresentação à Avaliação Ética (CAAE - 0387.0.107.000-11); o uso do gravador contou, ainda, com a prévia autorização dos sujeitos. Objetivando melhorar o entendimento dos fatos, a aplicação da Provinha Brasil, bem como as entrevistas, foi gravada e transcrita. Na transcrição ortográfica, resguardaram-se, quando necessárias à análise, suas variáveis fonológicas originais.

### **4 CONCEPÇÕES DOCENTES E A ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROVINHA BRASIL**

As observações da aplicação da Provinha foram realizadas numa escola da rede municipal de Aracaju/SE, na turma A1, turno matutino, no ano de 2010. O nome da escola foi omitido, a fim de preservar a imagem dos sujeitos da pesquisa, como determinam as orientações éticas de pesquisa envolvendo humanos. O 2º ano, turma A1, é composto de 12 alunos matriculados. As aulas desta turma são ministradas por duas professoras, as quais denominaremos Docente A e Docente B. A Docente A é a professora da turma, que assina o diário e elabora as provas. Frequenta a sala de aula duas vezes por semana porque tem

redução de carga horária. Os outros três dias são regidos pela Docente B, professora estagiária.

Ambas as professoras têm formação pela IES 1, embora a Docente B ainda não tenha concluído o curso de Pedagogia. A Docente A já conta com 25 anos de carreira, tem atualmente jornada de trabalho de um turno e sempre trabalhou com as séries iniciais, como podemos observar em (1).

1. “Eu sempre trabalhei como alfabetizadora... a minha vida toda. Sempre pegava a primeira série, mas com o ensino de nove anos agora, me deram o segundo ano.” (DOCENTE A).

A Docente B cursa o 6º período de Pedagogia, na IES 1 e é a primeira vez que ensina; vejamos seu depoimento em (2).

2. “Eu dava aula de banca. Nunca ensinei em escola, não. Aí apareceu essa oportunidade e pela prefeitura, aí eu vim porque é bom para o currículo, né?” (DOCENTE B).

É a segunda vez que a Docente A aplica a Provinha Brasil, mas na verdade, o processo ocorre conforme em (3).

3. “Desde a outra escola que já tem essa Provinha. Lá quem aplicava também não era eu. Quando eu estou na sala, eu assisto, ajudo quem está dando a prova, mas eu não sou a responsável direta, entende? Aqui no (... diz o nome da escola) quem aplica é (diz o nome da professora, à qual, chamaremos de Docente C) porque como eu não fico na sala todos os dias, sabe? É que eu tenho redução de carga horária... aí *Docente C* é quem dá a prova. A primeira mesmo, foi ela que aplicou. Eu estava na sala e ajudei, mas quem corrigiu tudo foi ela.” (DOCENTE A).

Embora não tenhamos visto a Prova de Entrada, aplicada no primeiro semestre, foi possível fazer uma análise, partindo da Ficha de Correção que possibilitou uma amostra dos resultados do Teste 1 e serviu de parâmetro para a comparação com os resultados do Teste 2.<sup>5</sup>

De acordo com a Ficha de Correção, a Prova de Entrada fora aplicada pela Docente C, com o auxílio da Docente A, no dia 24 de abril de 2010, no período matutino. Estiveram presentes, nesse dia, dez dos doze alunos matriculados.

---

<sup>5</sup> A ficha é composta pelos seguintes campos de preenchimento: Dados de identificação – onde são registrados o nome da escola e da turma, o ano ou a série avaliada e a data de aplicação do teste. Número dos alunos no diário de classe – onde é registrado o número de cada aluno, conforme consta no diário de classe. Questões e gabaritos – onde consta o número de cada questão e seus respectivos gabaritos. Total de acerto por aluno – para registro da quantidade de questões acertadas por aluno (última coluna). Média da turma – para registro da média de acertos da turma (na última linha e coluna do campo: “Total de acerto por aluno”). (BRASIL, 2011, p. 13).



A Docente C é funcionária da escola, professora com 25 anos de magistério, transferida para executar serviços administrativos na secretaria da escola. Fora indicada pela Secretaria Municipal de Educação para a aplicação da Provinha Brasil, no turno matutino, em substituição à professora que não está presente todos os dias da semana.

Os alunos foram classificados de acordo com o número de questões que acertaram (quadro 1), como vimos na seção anterior. A matriz da Provinha Brasil se estrutura em dois eixos – o da apropriação do sistema de escrita e o da leitura. As 24 questões distribuem-se nestes dois eixos.<sup>6</sup> O primeiro eixo contempla as concepções de alfabetização e consciência fonológica e o segundo eixo, os pressupostos de letramento e de gêneros textuais.

**Quadro 1: Habilidade em alfabetização/letramento dos alunos conforme barema de correção da Provinha Brasil (2010 – 1º semestre)**

NÍVEIS	HABILIDADES	NÚMERO DE ALUNOS	NÚMERO DE ACERTOS
Nível 3	Os alunos leem palavras de variados tamanhos e padrões silábicos, conseguem ler frases com organização simples (sujeito + verbo + objeto) e dispõem de alguns mecanismos para ler textos curtos.	2 alunos	Alunos 6 e 8: 17 acertos.
Nível 4	Já são lidos textos de mais ou menos dez linhas, em ordem direta e estrutura simples. O vocabulário explorado é, geralmente, o utilizado no ambiente escolar. Podem, nos textos localizar informação, realizar algumas inferências e identificar o assunto.	5 alunos	Alunos 9 e 11: 19 acertos. Aluno 1: 20 acertos. Alunos 4 e 5: 21 acertos.
Nível 5	Neste nível o domínio do sistema de escrita e a compreensão do princípio alfabético foram alcançados, definindo o aluno como alfabetizado, podendo, portanto, ser considerado avançado no processo de alfabetização e letramento inicial.	4 alunos	Alunos 3, 10 e 12: 23 acertos.

Fonte: Dados de pesquisa.

O resultado desta primeira prova do ano deve dar, ao professor, indícios do estágio em alfabetização no qual os seus alunos se encontram, para que, a partir deste diagnóstico, o professor possa observar as suas aulas. No entanto, a Docente A não planeja o seu ano letivo de acordo com os resultados da Provinha Brasil, pois, quando questionada acerca do uso que ela fazia dos resultados obtidos, ela respondeu:

<sup>6</sup> De acordo com a nossa análise das vinte e quatro questões, doze se destinaram ao primeiro eixo e as demais, ao segundo. Eixo 1: Da 1ª à 10ª; 13ª e 17ª. Eixo 2: 11ª e 12ª; 14ª à 24ª.

4. “Minha filha, eu não gosto desses pacotes que o governo manda pra gente. Atrapalha nosso planejamento (...) estressa os alunos (...) me estressa! Eles não sabem responder nada. É um dia perdido. (balança a cabeça, faz gesto de impaciência) Mas tem que aplicar... vamos aplicar! Isso é só pra punir a gente! É só isso que ele (...) eles sabem fazer! (...) Eu já tenho o meu planejamento pronto, ensino há mais de vinte anos (...) sempre alfabetizei meus alunos todo mundo aprendeu (...) eu num vou mudar tudo agora por causa dessa Provinha que nem explicam nada pra gente.” (DOCENTE A).

As orientações do INEP dizem que é necessário que se faça uma leitura prévia do documento para que seja compreendida a finalidade e a importância do instrumento. A Docente A expõe o seu desconhecimento acerca do objetivo da Provinha, acusa-a de atrapalhar o seu planejamento, quando, na verdade, de acordo com a proposta, ela deveria usar os seus resultados com a finalidade de auxílio à sua prática. A leitura do documento, os cursos de capacitação foram destinados somente à Docente C, que é quem aplica a prova. Quando perguntado à Docente C se ela obteve algum tipo de preparo para a aplicação da Provinha e como ela procedia quanto à aplicação, ela respondeu:

5. “A secretaria fez um curso com a gente. Um dia antes, eu treino em casa para aplicar as questões.” (DOCENTE C).

Foi a Docente C também quem corrigiu as provinhas de entrada e quanto à sua importância, disse:

6. Acho importante, pois avalia o que os alunos sabem até agora com a prova de entrada e o que o aluno aprendeu com a prova de saída. O professor... Ele ... ele também vai poder planejar as suas aulas em cima do resultado. Eu participei do curso que ... a secretaria deu... li o material todinho antes de fazer, de dar ... de ler a prova para os alunos, porque se não ler antes, fica perdido. (DOCENTE C).

A Docente B, quando perguntada quanto ao seu planejamento, se ela o faz de acordo com o resultado apurado pela Provinha, assim respondeu:

7. Olhe, eu nem tomo conhecimento... Elas não me dizem nada. Mas eu continuo dando as minhas aulas, continuo de onde a professora (diz o nome da Docente A) parou e tento ensinar esses meninos a ler. É um trabalho, viu, porque eles são muito danados... Num para *queto* um instante... Ave-Maria! (DOCENTE B)

A professora C demonstra o conhecimento da importância da Provinha Brasil, mas acredita que de nada adianta à aprendizagem da turma, porque quem trabalha para garantir os resultados são as Docentes A e B que, segundo declararam, ojerizam o “pacote” ou são postas à margem do processo. Nestas condições, podemos concluir que se bem aplicado nesta escola,

o instrumento atenderia ao objetivo parcial – oferecer dados do nível de leitura do aluno à secretaria e ao professor – e que de nada adiantaria se não servirem de balizamento no planejamento do professor.

## **5 ANÁLISE DA ESTRUTURA DA PROVINHA BRASIL E O DESEMPENHO DOS ESTUDANTES**

Após uma análise do caderno de aplicação da Provinha Brasil, constatamos que as dez primeiras questões do Teste 1 (2010) são referentes à aquisição do princípio do código linguístico. Em cada questão foram cobradas do aluno as habilidades abaixo:

1. Saber diferenciar letras de outros sinais gráficos;
2. Reconhecer sílabas que compõem palavras e os fonemas que compõem as sílabas;
3. Identificar letras que possuem correspondência sonora única em palavras;
4. Reconhecer pelo nome as letras do alfabeto;
5. Ler palavras que possuem sílabas simples com a mesma terminação;
6. Identificar o número de sílabas que formam uma palavra;
7. Reconhecer as diferentes possibilidades de grafar uma mesma palavra;

A partir da tabulação da ficha de correção com a estrutura da Provinha Brasil, chegamos ao número de questões passíveis de erros pelos alunos, conforme gráfico 1.

**Gráfico 1: Indicativo das questões erradas do Teste 1 da Provinha Brasil, ano 2010.**

A fim de salientar a importância da formação docente, analisamos, por amostragem, as questões incorretas, reiterando que o desconhecimento dos pressupostos linguísticos que orientam a concepção do instrumento impede que o professor faça o uso diagnóstico dos resultados. Das questões, cujas habilidades contemplam o eixo 1, apenas três questões apresentaram, aos alunos, um nível de dificuldade tal que implicou na incorreção da resposta.

Como exemplo, vejamos a questão 3 (figura 1): o aluno precisaria ter sido estimulado a desenvolver a sua consciência fonológica com exercícios que o levassem a associar fonemas e grafemas, já que é solicitado do aluno que seja capaz de identificar a sílaba inicial da palavra, ditada pelo professor e escolher a opção que apresenta a alternativa correta. O erro na questão 3 deve-se ao desconhecimento da sílaba inicial específica pelo aluno, mesmo porque, a questão 3 ainda tem uma informação adicional que poderia ajudar – a figura do tubarão.

Figura 1: Questão de Consciência Fonológica

Fonte: Caderno do Aluno (2010, p. 8).

Uma explicação para esse erro pode ser encontrada na fala da professora, que, ao optar por uma abordagem que diz ser construtivista, privou o aluno de adquirir ciência de fonemas, de poder fazer associação de sílabas aos seus respectivos sons:

8. O método que eu ensino meus alunos é aquele construtivista. Não perco meu tempo com exercícios de ba, be, bi, bo, bu, bão, pois não leva a nada. Eles precisam trabalhar... Aprender... aprender as palavras de forma contextualizada... no texto... senão não entendem nada. O livro deles é bom, tem muito texto. (DOCENTE A).

A Docente B, acerca do método ou procedimento que utiliza para alfabetizar, esclarece:

9. Olhe, aqui tem gente que sabe ler e gente que ainda não sabe. Aquela menina ali, que estava sentada na frente... sabe? Aquela que não parava de falar (...), pois ela não sabe ler tudo... Ela... ela DECORA a lição em casa pra me dar. Tem até aqueles que não sabem nem pegar no lápis. Aí eu passo dever no caderno, ensino as letras, boto pra copiar... Olhe... olhe os cadernos deles... estão entupidos de dever. A professora da sala não gosta não, ela diz que eu devo passar os textos... mas como se eles não sabem ler? Eu sei que os PCN dizem que é para partir dos textos, mas tem deles que não sabem o “aeiou”. Ah, eu ensino é tradicional mesmo. O b com a, com e... Olha... olha, no papel é muito bonitinho, mas quero ver no dia-a-dia. Eu nem uso o livro deles... Os textos são muito grandes. (DOCENTE B).

Como podemos perceber, os professores enfrentam dúvidas e receios quanto ao caminho a seguir no processo de alfabetização, contrastando método de alfabetização, o fônico, e uma abordagem, a construtivista. Há quem diga que esse debate acerca dos procedimentos já tenha sido superado, e que ensinar a ler independe de métodos; porém defendemos que o método certo é crucial para se alcançar um bom resultado na aprendizagem da leitura, sobretudo se for considerada a quantidade de alunos para os quais o professor deverá aplicar determinado método. Embora seja anunciado como atrasado e incompatível com o estado brasileiro atual do conhecimento sobre alfabetização, em praticamente todos os países de língua alfabética da Europa e em todos os de língua inglesa ao redor do mundo, o método fônico é utilizado. Oliveira (2004, p. 61) questiona se somente o Brasil estaria no caminho certo, já que insiste na aplicação do construtivismo, em detrimento do resto do mundo.

Capovilla & Capovilla (2007, p. 7), como que para responder ao questionamento de Oliveira (2004, p. 61), apresentam evidências de que esta proposta de ensino não tem trazido bons resultados, no que concerne à leitura, para países que insistem em permanecer com ele, como o Brasil, Portugal e México. Estes países ocupam as últimas posições, em detrimento da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos, que adotaram o ensino fônico e “obtiveram excelentes posições entre os primeiros do mundo em competência de leitura”, de acordo com o resultado do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos).

A professora B, embora opte inconscientemente pela aplicação do método fônico, visto que procura partir do particular para o geral, pode não conseguir com que seus alunos iniciem bem o processo de alfabetização. Não por que utilizou o método errado, mas porque, ainda de acordo com Oliveira (2004, p. 59), “nem todas as maneiras de aplicação do método fônico são eficazes”, mas há evidências científicas que apontam para o bom efeito desse

método quando não se ensina de modo casual, mas de forma sistemática utilizando manuais, há muito abolidos, e que são “tradicionalmente chamados de cartilha no Brasil”..

Destarte, mesmo que a professora B optasse por este método, o fato de ela não estar diariamente com a turma em sala de aula, implica casualidade e conseqüente interrupção em sua aplicação que pode ocasionar a deficiência da aprendizagem em leitura.

Vejam agora a questão 8 (figura 2), que requer do aluno que ele tenha conhecimento de sílabas complexas; no entanto, se o aluno desconhece a sílaba inicial, complexa, que se repete em todas as asserções, o conhecimento das sílabas simples o leva à resposta certa. Mas isso somente ocorre se ele conhecer também a figura, já que o professor não é instruído a dizer o nome dela. O aluno terá que se valer da sua vivência de mundo, inicialmente, para poder depois evocar os seu conhecimento alfabético. Com a consciência fonológica estimulada, ele pode fazer as associações necessárias e conseguir, no simples desenvolvimento da questão, aprender também a sílaba complexa “ES”, uma vez que descobrindo as sílabas finais “COVA” ficaria fácil descobrir que a inicial só poderia ser “ES”.

**Figura 1: Questão de consciência fonológica**

Fonte: Caderno do Aluno (2010, p. 13).

Mas como o professor poderia ter preparado o seu aluno para o despertar desta consciência se nem mesmo ele tomou conhecimento de que ela existe? As ideias construtivistas, socioconstrutivistas e interativistas construtivistas, de acordo com Oliveira (2004, p.14), estão presentes de forma “monolítica na quase totalidade dos cursos e bibliografias utilizadas nas universidades brasileiras desde o início da década de 80”, em detrimento de conteúdos específicos para o ensino de leitura, como fonologia, psicolinguística e linguística aplicada. Essas ideias foram sacramentadas com a publicação dos

PCN nos anos de 1996 e 1997 e é tido tanto concebido na comunidade acadêmica brasileira quanto entre os profissionais de alfabetização, como os pressupostos mais atuais sobre a aprendizagem e o ensino de alfabetização. Essas ideias adquiriram status de hegemonia no país, a ponto de seus arautos ignorarem, minimizarem ou dispensarem qualquer menção à literatura científica corrente no resto do mundo. (OLIVEIRA, 2004, p.14).

Por sua vez, os pressupostos que assinalam a consciência fonológica estão na Ciência Cognitiva da Leitura, “praticamente desconhecida, pior, intencionalmente ignorada, na maior parte das universidades brasileiras”. (OLIVEIRA, 2004, p.15). Para alinhar as diretrizes subjacentes e a Provinha Brasil, é preciso conceber o processo de alfabetização a partir da instrução do princípio alfabético com estratégias de ensino que envolvem exercícios de consciência fonológica e finda para que o processo de compreensão (letramento) continue levando o aluno à compreensão, através da inserção do alfabetizando em práticas sociais, já vivenciadas mesmo antes do início da decodificação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se compreender a complexidade que permeia a Provinha Brasil, enquanto instrumento diagnóstico do nível de leitura, é preciso não só analisar o conteúdo das provas do instrumento e os pressupostos linguísticos que a embasam mas também dar voz aos atores sociais que compõem o cenário educacional.

No âmbito do projeto *Ler+Sergipe: leitura para o letramento e cidadania* buscamos explicitar o que está por detrás dos indicadores numéricos do INEP referentes à aprendizagem inicial da leitura em termos qualitativos que justifiquem/expliquem tais resultados: nos questionamos se existe uma correlação entre a formação e concepção do professor alfabetizador e o sucesso/insucesso dos alunos na Provinha Brasil. Com essa análise, demonstramos haver uma incongruência entre o que preconizam os documentos oficiais e as concepções/ações dos professores; ressaltamos a tensão entre o “gabinete” e o “chão de sala”. Para que as políticas públicas para a alfabetização sejam efetivas, é necessário envolver de modo mais direto os atores sociais que são responsáveis pela formação de base: os professores alfabetizadores.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ayane Nazarela Santos. *A competência narrativa na provinha Brasil: um estudo do desempenho dos estudantes da EMEF Tenisson Ribeiro - Aracaju/SE*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Provinha Brasil – Caderno do Professor/ Aplicador II*. 2009a.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Provinha Brasil – Passo a passo*. 2009b.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Provinha Brasil*. Reflexões sobre a Prática. 2011.
- CAPOVILLA, F. C., CAPOVILLA. A. G. S. *Alfabetização: Método Fônico*. São Paulo: Memnon, 2007.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Entre norma e uso, fala e escrita: contribuições da sociolinguística à alfabetização. *Nucleus*, v. 8, n. 1, abr. 2011.
- OLIVEIRA, J. B. A. e.. *Alfabetização de crianças e adultos: Novos Parâmetros*. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2004.
- ROSÁRIO, Mônica Maria Soares. *Avaliação de políticas públicas para a alfabetização: formação do professor alfabetizador, concepção e aplicação da Provinha Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.